

À Biblioteca Pública de Braga

23
JUNHO
1973

SEMÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

Realizaram-se com extraordinário brilho as
Festas concelhias em honra de
Santo António em AmaresUMA HISTÓRIA
DE PASMAR!

Por: — Narciso J. Gonçalves

«Mais vale prevenir que remediar» — é o aforismo popular que tantas vezes se ouve da boca da nossa gente. E, na verdade, quando se tomam a tempo providências de carácter preventivo, o resultado daquilo que se pretende atingir tem de ser, lógicamente, o melhor. Mas mesmo aqui, poderá aceitar-se a chamada «excepção à regra»? Seja como for. Os factos não carecem de provas, pois impõem-se por si próprios. E aconteceu.

Há pouco mais de 2 meses o meu amigo dr. Artur Macedo dizia-me, em certo tom de censura, que, a despeito de ser o primeiro ano que superiormente se reconheceu o dia 13 como feriado municipal do concelho de Amares, as festas pareciam condenadas «a ficar no tinteiro». Mais: Para mim, nem no tinteiro ainda estavam, dado o aparente desinteresse, — desinteresse que poderia muito bem ser de conveniências reprováveis, — sobre a realização das festas antoninas no nosso concelho.

Porém, e como já tive o ensejo de o escrever neste prestimoso semanário, surge a hora da arrancada. Natural atrapalhação pelo adiantado do tempo, mas quando a vontade impera, alicerçada no bairrismo sadio dum fé inquebrantável, os homens, — sim, os homens! — «removem montanhas»... Logo de início, as raparigas ladinas — porque se não fossem ladinas não seriam assim demonstraram bem o que valem, não só pela angariação de valiosas ofertas e de excepcionais bazares de prendas que realizaram, mas também pelo carinho posto na efectivação de números programados. Relembramos, por exemplo, a jamais vista procissão de anjos, a formar conjuntos alegóricos de rara beleza, na procissão a Santo António; a feira da laranja que, sendo já por si um número de atracção e de propaganda ao nosso produto característico, teve cor na garridice das moças de Santa Marta vesti-

das à rigor «à moda do Minho» — isto sem deixar de referir a simpatia que irradiava o seu modo de oferta à venda do precioso citrino. Bem hajam em nome da Comissão de Festas! Mas porque não em nome da nossa terra, do nosso concelho? Logo de começo se procurou que a Comissão se não circunscrevesse a três. E, conquanto tenha que ser assim — pois alguém terá de encabeçar responsabilidades — as festas são concelhias, são de todos. Por isso, a nossa Ex.ma Câmara, num gesto a todos os títulos louvável, deliberou em sessão o subsídio a conceder — modesto muito embora mas dentro das suas possibilidades financeiras que, como se sabe, são bastante limitadas, — concedendo-o no montante de 10 mil escudos. Todos trabalharam. Honra lhes seja!

Tudo esteve bom. As Bande Música da G. N. R. do Porto e de Vale de Cambra estiveram à altura dos admiradores da arte que imorta-

lizou Betthoven. A corrida de ciclismo foi um sucesso. O Largo do Dr. Oliveira Satazar, apesar de despido daquelas saudosas tílias que o furacão derrubára em 1972, foi cenário de tanta alegria e animação que dá vontade de prosseguir. As iluminações foram feéricas e bem recomendam o seu empresário.

Cabe também uma palavra de louvor à acção da G.N.R. do posto local, sob o comando do Snr. Manuel Ferreira, 2.º Sargento, que não se poupou a sacrifícios para que a ordem — esse elemento precioso que tanta falta bem fazemos — fosse um facto. E foi. A nossa admiração e respeito à G. N. R. por tudo e pelo mais que lhe ficou a dever a comissão!

Ao nosso Querido Amigo e Pároco — Reverendo Padre Albino Alves — fica também aqui expresso, como a fechar com chave de ouro, para além do nosso muito afecto e igual admiração e respeito, o muito obrigado.

Que há na Africa Austral?

Quando os reclamistas do neo-racismo e do neo-imperialismo falam de «Africa Austral», como se se tratasse de um bloco hostil ao resto do Continente, cometem um erro crasso — mesmo no terreno da propaganda. Aquilo que, de começo, poderia causar alguma impressão em gente simplória ou mal informada, depressa revelou a sua falsidade. a completa carência de fundamentos. Era, tem-se visto, mais um «slogan» publicitário, mais uma fórmula enganadora, a coberto da qual se diligenciava criar confusões e reservas em torno de Portugal, da Rodésia, da Africa do Sul, do Malawi e da Suazilândia, para não irmos mais longe.

Não seria difícil acrescentar outros países que, embora tomando atitudes, na ONU, contra a orientação

portuguesa, também são olhados de soslaio pelos mentores das actividades terroristas e das manobras que perturbam vastos territórios, dificultando a promoção sócio-económica de milhões de pessoas. Há países que os autores das campanhas desorientadoras não citam claramente, mas fazem-lhes referências implícitas, indirectas, só porque a sua situação geográfica e os seus interesses vitais contribuem para que toda a gente os inclua na Africa Austral. É que, acima dos sectarismos inoculados, das divergências, das diferenças, há naquela zona do Mundo questões de base que impõem, naturalmente, o entendimento entre os povos, uma coordenação a concretizar, mais dia menos dia, dos domínios essen-

«Continua na 4.ª página»

Somos irreverentes dizemos. É possível. Mas, o possível baseia-se na pouca ou nenhuma consideração em que temos o amágo. Este amágo é nacional. E as nações fazem-se, depois de muitos anos, à força de perseverança, liquidez inteligente, vontade própria, orgulho nacional. Assim se fizeram. Agora estão a fazer-se algumas e é de esperar das novas nações conduta em paradigma com aqueles que souberem elevar-se no conceito internacional, através da fase mais acérrima do bem comum e comumente se sentiram obrigados ao alargamento do seu hemisfério.

Mas Portugal, não! Portugal, baseado na história da NAU CATRINETA, uma história de pasmar, adormeceu nas profundezas do seu heroísmo, das suas descobertas, na teórica literatura camoneana e não mais quis saber de como correriam as coisas, no futuro, em relação à actividade literária dos outros países.

E assim nasceu a incultura portuguesa — por parte do Estrangeiro.

Ainda hoje, oriunda da Suécia se recebe correspondência que comporta no invólucro este disparate:

«Rua tal... Porto — Spain! Vimos! Não é mentira! Não sei, porque não somos desportistas ferrenhos, se o «Benfica» andou por lá. Nada nos admiraria que, em lugar de escreverem «Spain» (Espanha), o envelope trouxesse: «Poto—Eusébio» e a correspondência viesse cá parar, pois tenho lido e ouvido dizer que o maior representante nossa propaganda, como país, geográficamente, tem sido o «Benfica». Se se falar com um católico, porém, o país é bem conhecido lá fora por mor de Nossa Senhora de Fátima. Se se fala com algum amigo do Fado, adepto consciente, é a Amália...

José Tavares

Do Canadá, aonde se encontrava há já bastante tempo, chegou para gozar umas bem merecidas férias o nosso assinante e colaborador sr. José Tavares.

Desejamos-lhe umas felizes e alegres «vacances»

Seja como for, ninguém fala do Infante, que alardeou ao mundo os novomundos. Esse, ninguém atinge. Porquê? Pela simples razão de que os cultores da Cultura Portuguesa nunca se interessaram pela sua difusão. Nem cá, quanto mais no estrangeiro.

Um exemplo. Há dias, no Porto, houve uma sessão de homenagem ao dr. Afonso Costa. Certos indivíduos, com razoável escolaridade e cultura perguntou quem tinha sido esse histórico vulto. Nada mais é preciso para nos

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Já lá irão cinco meses. Mulher a dias conhecida solicitou-me emprego para o filho que, depois de ter sido aprovado na 4.ª classe, precisava de trabalhar, não só para ajudar a mãe, mas até porque o deiejava.

Indaguei do rapaz e verifiquei que ele queria, de facto, empregar-se. Foi para aprendiz de tipógrafo.

Ultimamente, a mãe veio até mim pedir desculpa do rapaz ter de sair da tipografia, onde trabalha. Razão: mestre de obras, propôs à mãe a ida do rapaz para trôlha, uma vez que, com a tábu da cal à cabeça, lhe dava diariamente 32\$50 quando como aprendiz de tipógrafo só auferia 20\$00.

Mais uma vez tive de averiguar das razões do rapaz — porque essas também contam, não é verdade, Leitor? rapaz, pesado, quis ficar na tipografia. E ficou!

O Secretário de Estado da Saúde, ao empossar o novo director geral dos Hospitais, referiu-se a muitas coisas respeitantes à saúde pública e preconizou que a Medicina — portanto os médicos — devia olhar seriamente para a sua profissão, pois se notava certa tendência por identidade de preferências, provocando deficiências em várias especialidades, a começar pelas que resultam do mal-estar da inevitável competição individual.

Evidentemente que um

«Continua na 4.ª página»

S. Pedro em Figueiredo-Amares

Nos dias 29, 30 e 1 de Julho de 1973



Iluminações deslumbrantes e grandiosas sessões de fogo de artifício.

Fogueiras de S. Pedro.

Ranchos Folclóricos

Cortejo de Oferendas

No domingo dia 1 - participação da Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares com o seu vasto e selecto reportório.

Grandioso Bazar e certame pirotécnico pelos melhores artistas do Minho.

Visite Figueiredo nas suas Festas a S. Pedro

Um Inglês responde ao Primaz da Holanda num Jornal Londrino

Revoltado com as declarações prestadas pelo arcebispo de Utreque, caadeal Alfrink, Paimaz da Holanda, na Escola de Economistas de Londres, o inglês R. B. Hassal escreveu uma carta ao director do jornal londrino «The Universe» em que afirma:

«Passei alguns anos da minha vida na África Oriental e Austral, e sei que é um facto não existir «apartheid» em Moçambique. Brancos e negros têm ali os mesmos direitos de cidadãos portugueses, e, na verdade, sessenta por cento dos efectivos das forças armadas são negras».

E, depois de afirmar ter ficado «horrorizado ao ler que o cardeal teria afirmado ser necessário, entre outras coisas, ajudar os movimentos «anti-apartheid» nos territórios portugueses do Ultramar», o sr Hassal declara na sua carta:

«Portugal tem sido, durante séculos, o bastião da fé católica na Europa e na África, e continua a sê-lo hoje. O seu trabalho missionário é magnífico. E, como exemplo, fez bastante mais em prol das relações raciais do que os holandeses fizeram na África do Sul».

O autor da carta, que revela ser casado com uma holandesa, acentua mais adiante:

«É, claro que é facilimo criticar e julgar à distância, e mais fácil ainda fazer perigar a estabilidade política na África, mas o trabalho de reconstrução dessa estabilidade será extremamente difícil, sobretudo no plano do cristianismo. O terrorismo na África envolve o assassinio de africanos inocentes que, em geral, não estão interessados nos chamados «ideais» dos oportunistas e dirigentes políticos».

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares 62162

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

—Ciúmes de ti?! Mas, como, se não há mulher nenhuma mais fiel do que tu?!

—Mas todas as aparências são contra mim. Há só duas pessoas no mundo que podem testemunhar a minha honestidade. Uma delas é a senhora Filipa!

—Comigo podes sempre contar!

Dolores contou então à simpática velhinha todo o drama da sua vida, tal como os leitores já conhecem.

Não ocultou nada. Disse toda a verdade. Ao acabar a sua narrativa, tinha os olhos arrazados de lágrimas. Filipa também chorava...

A antiga «Cigarra de Ouro» disse-lhe então:

—Sê forte, Dolores. Deus sabe que nenhuma culpa tens. Mas a honra de uma mulher—e fala por mim a experiência de muitos anos—é a coisa mais frágil que há no mundo!

«A gente é má, às vezes, talvez sem o saber. Mas, sobre a honra de uma mulher caem todos, como os abutres sobre os cadáveres. Não te deixes vencer, Dolores...»

«A primeira coisa que tens a fazer, é procurar o Juiz que há-de julgar a causa. Contar-lhe-ás toda a verdade, sem omitires o mais pequeno pormenor, e podes dizer-lhe que eu o espero aqui, nesta minha pobre casa, para demonstrar-lhe a falsidade dessa acusação que sobre ti pesa.

«Eu direi toda a verdade—só a verdade!

«Corre!... Não percas tempo!...

«Se eu pudesse levantar-me da cama, iria contigo. Mas, como vês, não posso. Não me tenho de pé. Estou muito fraca, mesmo muito mais fraca do que o médico supõe.

—Isso não, senhora Filipa!...

—Sim filha, sim. Não tentes iludir-me. Conheço bem as minhas forças. Sei que estou muito mal. Esse Rafael tem dado cabo de mim!... Por isso te digo que corras, que procures o juiz, e ele que venha depressa ouvir as minhas declarações. Dir-lhe-ei toda a verdade!

Dolores pôs-se de pé, e co no quisesses preparar outra tijela de caldo e deixar outras coisas feitas, a velhota disse-lhe:

—Deixa tudo isso. Acima de tudo está a tua honra. Corre a falar ao juiz, e vê se consegues trazê-lo aqui. Vai depressa!

—Tem razão, senhora Filipa. Eu vou.

—Corre, Dolores! Volta logo que possas! Tu não sabes o que é, para uma mulher como tu, perder a honra, perder a reputação. Dolores saiu daquela humilde trapeira, cheia de esperança!

* * *

Mário, conduzido pela Guarda Civil, chegou à presença do juiz instrutor do processo de assassinato de D. Leandro Castrejuana.

O juiz mandou sair os guardas, e ficou a sós com Mário, sem mais testemunhas do que o escrivão que lhes assistia. Fitou fixamente o réu, como se com aquele olhar profundo quisesse sondar a alma do homem que tinha diante de si.

Mário permanecia de pé, algemado, com os olhos postos no chão, envergonhado e abatido por ver-se naquela situação.

Logo ao primeiro golpe de vista, o juiz reconheceu que não se tratava de um profissional do crime.

Segundo as praxes habituais que a Lei estatui, o juiz, com muita calma, perguntou:

—Confessa que matou D. Leandro Castrejuana?

—Sim, senhor juiz, confesso que o matei.

—Para auxiliar a Justiça, que dizer-me o motivo porque o matou?

—Senhor doutor juiz, então não basta ter confessado já o meu crime?

—A Justiça, quer o réu queira, quer não, há-de penetrar nas verdadeiras causas do crime. Pode dar-se o caso de que, apesar de ter cometido um assassinato, o senhor seja, senão um inocente, ao menos uma pessoa impelida por fortes razões que atenuem a sua culpa.

—Senhor doutor juiz, sou um homem honrado que muito preza a sua dignidade. Confesso que matei um homem e entrego-me à Justiça para que castigue o meu acto criminoso. Condene-me por assassino, dê-me a pena maior, e deixe-me chorar à vontade, na prisão, a desgraça do meu destino.

O juiz acercou-se de Mário, pôs-lhe a mão sobre o ombro e disse-lhe com acento suave.

—Tranquelize-se. Eu não sou um juiz rigoroso. Tenho um alto conceito da Justiça e do delincente. Não gosto de humilhar quem for, nem de castigar sequer. Desejo compreender... iluminar

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Homenagem em Bouro

Um numeroso grupo de amigos do Sr. Sargento Adriano Dias da Silva, ex-comandante do Posto da G. N. R. ofereceu-lhe um jantar que teve lugar no restaurante da Abadia.

As mais destacadas famílias estiveram presentes e a autoridade administrativa estava representada. Transcrevemos na íntegra o discurso proferido pelo sr. Elísio Gonçalves que, na qualidade de colaborador da Tribuna e como amigo do homenageado assistiu como convidado a essa festa de verdadeira confraternização:

DISCURSO

É chegado o momento de elevar-nos a Deus a Graça que nos concedeu de poder-mos estar reunidos para testemunhar a nossa amizade a um homem que defendeu os interesses e as vidas de toda a população do concelho. A sua presença como Comandante do Posto da G.N.R. ficou assinalada e é a prova real das minhas afirmações.

Foi lá que o conheci e foi lá, que ele fez a sementeira dos frutos que está a colher de tantos amigos presentes. Se alguns desgostos tivesse sofrido no prolongado contacto com o povo que serviu, tem na consciência gravada a alegria de ter honrosamente cumprido o seu dever como autoridade e como cidadão.

Estou aqui por devoção aos valores que defendem a Pátria, sabendo dignificá-la, respeitando o seu símbolo que é a farda que os distingue. A um filho de Bouro, um dos promotores da homenagem que é o meu amigo o Sr. Cândido fico a dever o convite, que aceitei com grande prazer por ter a oportunidade, talvez única na minha vida, de poder testemunhar ao homenageado a minha amizade e admiração pelo seu aprumo e isenção.

Tendo sido Bouro a sede administrativa do concelho com direitos inerentes à sua categoria histórica e monumental é hoje palco de um cenário social que honra os seus filhos pelo gesto espontâneo da nobresa manifestada. E a um homem que honrou a briosa corporação que serviu, que é a G. N. R..

Agricultura em Foco

O Reino Vegetal sempre foi uma preocupação dominante dos governos em Portugal. Já antes do reinado de D. Dinis, vemos a preocupação que causava aos res-

ponsáveis, a situação da lavoura como factor primordial da alimentação humana. Eles sabiam e nós hoje também sabemos que a humanidade quasi podia viver só do Reino Vegetal, mas sem êle é que se não pode viver. Reportados à história é as necessidades comuns, temos hoje um governo devotado inteiramente ao progresso da lavoura para não termos também que manter o povo à custa do custo das importações de países que tem, há muito, o seu problema resolvido. E o nosso não se resolve se nos faltar colaboração do trabalhador e do governo que, neste ponto, já fez o que era preciso, honrando a classe, honrando o trabalho, para manter muitos que nos despresam, que nos olham como dementes selvagens, sujos, porcos, burros por não termos outra habilidade como se as habilidades mantivessem alguém, embora sejam precisas porque nem só de pão vive o homem.

A felicidade da Pátria, portanto depende dos seus filhos depende da qualidade dos Governantes. Quasi todos, actualmente, vieram «milagrosamente» da província oriundos da camada social repugnada pela nobresa criada em Portugal para esconder as misérias sociais de um povo abandonado como animais num curral provinciano. Instruíram-se, cultivaram os seus espíritos, magoados com o desdém da «fidalgueira» e entraram no reino do domínio para mostrar a sua força indomável de mandar para os «museus» o que resta de nobresa.

Cá estamos todos, cá está Deus, Pátria e Família, uma trilogia Divinisada no Trono da igualdade terrena. Os ecos da alma do professor Marcelo Caetano captaram o sofrimento de milhões de vítimas da loucura dos faustos Palacianos.

Ele entendeu que devia ter chegado a hora da ressurreição social, ele entendeu que só assim nos reabilitaremos da vergonhosa situação em que vivíamos perante uma civilização democratisada, humana e Cristã. Já existente em países que, respeitando Cristo, amam outros profetas e não conheceram nenhum senão pelas doutrinas, pela experiência e pela necessidade de se encontrar a felicidade. Vá lá que alguém duvide de milagres se eles começam pelas doutrinas que regulam os homens de hoje com uma precisão matemática como o sextante de Gago Coutinho na sua rota aérea com Sacadura para tirar o chapéu ao

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

No próximo dia 26, festeja o aniversário natalício a sr. D. Madalena Gonçalves Rodrigues.

No dia 27 passa o aniversário natalício do funcionário da Sonap. da Modelar sr. José Abreu Dias.

No dia 29 o sr. António dos Santos Barros, funcionário dos Armazéns da Feira.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

* * *

ANIVERSÁRIO

No próximo dia 27 passa mais um aniversário o nosso estimado assinante sr. Daniel Lourenço Martins, ausente com sua esposa e filho em França.



Tribuna Livre felicita o aniversariante e deseja-lhe que esta data se repita por anos sem fim.

Brasil, descoberto e sem chapéu, que lhe possa tapar a sua grandesa pela forma consciente como vive no Mundo cheio ainda de enfermidades e maselas que poderão ser curados se vir-mos esse Brasil enciclopédico

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrizado

Amares

FUTEBOL

Campeonato Regional da II Divisão

No domingo de S.to António o F. C. A. recebeu o Tadim F. C. para disputar o último jogo do Campeonato Regional da A. F. Braga.

O Tadim era o único clube que ainda não tinha perdido qualquer jogo fora e por isso mesmo — embora ao Amares não interessasse o resultado já que, com a derrota em Oliveira, perdeu todas as esperanças — o Campo Luiz Calheiros de Abreu conheceu uma das maiores enchentes de sempre, para ver se o nosso clube seria o único a desfeitear o F. C. Tadim.

Assim aconteceu, realmente. O brio dos nossos atletas foi inexcedível até ao sacrifício, derrotando um dos melhores conjuntos do torneio, imbatível até então em campos adversários.

Ao Tadim interessava a vitória, pois com ela via abertas as portas aos torneios de competência para a I Divisão.

Assim não aconteceu, porém. E, faltavam 15 minutos para terminar o jogo, quando o Amares vencia por 1-0, com clamorosas perdas de golo feito, os representantes de Tadim perderam a cabeça e vai de armarem tal zaragata o que obrigou o árbitro a dar por findo o jogo, e só com a pronta e enérgica intervenção da G. N. R. os ânimos serenaram, e ainda bem.

Bela tarde desportiva, a que os forasteiros quiseram, sem o conseguir, dar nota negativa, graças à serenidade e competência da G. N. R. de Amares.

Ficou bem classificado o F. C. A. e um 3.º lugar final não desonra o Concelho, bem pelo contrário.

Parabéns aos rapazes que envergaram os camisolos do glorioso.

DE VISITA

Na nossa Redacção esteve o nosso estimado assinante sr. Abílio Pinheiro de Almeida, 1.º subchefe da P.S.P. em Angola.

Natural da freguesia do Bico, S. Vicente, lugar de Vila Meã de Cima, veio acompanhado por sua Ex.ª esposa sra. D. Elisa Fernandes Meireles, sua filha Maria do Carmo Meireles de Almeida e seu filho sr. José Carlos Meireles de Almeida.

Veio visitar seus pais e gozar férias pelo que Tribuna Livre os felicita e agradece a visita.

«A RIVAL» — CASA DE PASTO

DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162

Uma história de pasmar!

«Continuado da 1.ª página»

elucidar como se cultiva em Portugal a fantástica virtude de ler.

A explicação disto merecia um livro. Não é este arrazoado, cujo espaço não dá para elaborar as deficiências interessantes dos editores. Mas, em duas linhas não será difícil insinuar o nosso intuito.

Realizaram-se ultimamente três «Feiras do Livro» uma em Lisboa, outra no Porto, outra em Aveiro.

Não consta que com todas as excepcionais qualidades do ocasionalismo, o respectivo Grémio dos Livreiros se lembrasse de incluir dois dias, ou mesmo três do «Livro Português», incluindo nesses dias o épico português, até porque ainda se trata da 4.ª Centenário da Edição dos «Lusíadas». Mas sabe-se que um *ilustre* livreiro português, se saiu com esta saborosa e

característica ideia:... que os distribuidores e os livreiros doutros países apareçam a montar os seus pavilhões, vendendo livros na sua língua original».

Esta originalidade dum livreiro nacional vem demonstrar á saciedade a falta de iniciativa da parte das nossas editoras para nos proporcionar uma cultura que devem a todo o país que esta, apesar de descuidada atitude perante o livro português, a desdourar essa mesma Cultura.

E se pela boca impune de um livreiro português se solicita ao estrangeiro que nos envie a sua cultura no seu idioma, não podemos de deixar de nos encontrarmos perante outra «história de pasmar»

Militão Porto

Que há na Africa Austral?

«Continuado da primeira página»

ciais em que as nações pacíficas e desejosas de progredir podem encontrar-se. E mantendo Portugal a mão estendida, com perfeita isenção e comprovada lealdade — como recentemente afirmou o ministro Rui Patrício — a porta está sempre aberta para uma colaboração profícua.

A Africa Austral não é — tem sido afirmado com insistência convincente — um bloco ideológico, nem uma aliança militar. Cada país tem o seu sistema político, por vezes bastante diverso. Quanto à aliança militar, não há motivo para ela, porque nenhum dos Estados «está empenhado ou deseja agredir seja quem for».

Do que se trata, afinal? Trata-se — e de novo o explicou o Ministro dos Negócios Estrangeiros — de «um conjunto de países que se respeitam e aderem a princípios de sã convivência internacional, convencidos de que o Continente africano só pode beneficiar de uma colaboração efectiva e do respeito pelos territórios dos outros». «Por isso mesmo, mantemos a esperança de que estas ideias salutares venham a ser entendidas e praticadas por outros países que persistem,

por enquanto, vítimas de malélicas ilusões, em atitudes contrárias ao Direito Internacional».

Por nossa parte, a posição é a mesma: A mão está sempre estendida. Com a esperança na vitória do bom senso e da verdade. A razão está do nosso lado.

5.ª COLUNA

Ministro, normente o Secretário de Estado de Saúde e médico também, não pode dizer aos colegas tudo aquilo que lhe vai no seu sentimento clínico, mas encontra-se nas suas palavras o tal mal-estar da mulher a dias que me pediu emprego para o filho e o queria subtrair a uma profissão que o rapaz assimilou e gosta. pela módica diferença de 12\$50 diários, que outra profissão menos cultural, mas mais rendosa, lhe acenava.

É que os médicos, cuja profissão é perfeitamente igual e meritória perante o mundo humano em que habitamos, também, têm o seu igoismo material e a prová-lo é a deserção demuitos ante os partidos-médicos na província onde o clínico, ali, apesar da avançada civilização em que já vivemos com relação à de há quarenta anos, ainda sofre pavorosas inclemências e usufrui menos honorários que nas cidades.

Daí — não é Leitor? — relaciona a mulher a dias, inculta, com alguns dos mais cultos deste mundo...

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

EME ABRIL



Faça esta roda parar.

Em todo o mundo os prejuízos causados pelos ácaros têm-se tornado alarmantes para os lavradores.

Graças aos trabalhos de pesquisa e ensaio de alcance mundial executados pelos seus serviços de investigação centralizados em Leverkusen (Alemanha) a Bayer acaba de enriquecer a sua gama de produtos para a fruticultura com um novo acaricida excepcionalmente eficaz contra essa praga.

Folimat

Folimat é um acaricida de acção sistémica e ingestão directa que, pela sua eficácia, se recomenda, especialmente, para os ataques muito fortes de ácaros, sejam ou não resistentes a outra forma de tratamento. Além do Folimat, a gama de produtos Bayer para combate a doenças e pragas dos pomares põe ainda à disposição da Lavoura:

Gusathion MS

O insecticida-acaricida que trata todos os anos milhares de hectares de pomares portugueses. Porque Gusathion MS combate praticamente todos os tipos de parasitas que atacam os pomares, dele se diz: «UM SÓ CHEGA PARA TODOS».

Euparene

De extraordinária eficácia contra o pedrado das fruteiras, possui também boa acção contra o oídio, os ácaros e a monília.

Antracol

Um produto muito conhecido dos fruticultores portugueses pela sua notável acção contra o pedrado das fruteiras.

Morestan

O fungicida acaricida orgânico de acção dupla, contra o oídio da macieira e os ácaros das fruteiras.

Produtos Bayer
para a fruticultura
todos com acção específica
ou secundária contra ácaros



melhor qualidade
maior produção

CONSULTE O CALENDÁRIO
DE TRATAMENTOS BAYER

Antes de usar leia o rótulo